

Tecnologias de conexão: atualizações disponíveis

Technologies of connection: available updates

Aline Couri Fabião

Resumo

É urgente repensarmos a direção que impusemos ao que se convencionou chamar de desenvolvimento tecnológico. “Tecnologias de ponta” são criadas quantitativamente e sem ética; “tecnologias disruptivas” não irrompem de fato o status quo – apenas aceleram processos já existentes. Mas nem tudo está perdido. Teóricos como Álvaro Vieira Pinto, Gilbert Simondon e Yuk Hui sugerem perspectivas criativas e inovadoras para o que entendemos como técnicas, tecnologias e suas histórias. No campo da arte, Dasha Ilina e o coletivo NTU, dentre outros artistas, abordam questões similares. Que atualizações realmente disruptivas podemos instalar em nossas sociedades?

Abstract

It is urgent to rethink the direction that we have imposed on what is conventionally called technological development. “Cutting-edge technologies” are created quantitatively and without ethics; “Disruptive technologies” do not really break into the status quo - they just accelerate existing processes. But not everything is lost. Theorists like Álvaro Vieira Pinto, Gilbert Simondon and Yuk Hui suggest creative and innovative perspectives for what we understand as techniques, technologies and their stories. In the field of art, Dasha Ilina and the collective NTU, among others artist, discuss similar subjects. What kinds of disruptive updates can we install in our societies?

1 Introdução

Objetos técnicos e tecnologias são produtos culturais. Para Simondon (1958 - 2020) “a cultura ignora, na realidade técnica, uma realidade humana. [...] A oposição entre a cultura e a técnica, entre o homem e a máquina, é falsa e sem fundamento”(SIMONDON, 2020). Objetos técnicos são conectores: entre sujeitos e mundo, entre sujeitos, entre momentos históricos distintos, entre cosmologias, projetos e ações. O que consideramos hoje “tecnologia de ponta”, ou um desenvolvimento singular e universal da tecnologia, não passa de um dos diversos possíveis desdobramentos realizados pela inventividade humana. Esta inventividade pode ser materializada de diversas formas, seja orgânica (técnicas meditativas, fala, canto...), analógica ou digital. Principalmente nos últimos cinquenta anos percebemos uma priorização de conexões através da distância (tele-presença), a conexão com muitos em detrimento da conexão com si mesmo, a preferência do uso de elementos minerais raros e não de materiais

renováveis. Hiper-estimulados por imagens, sons, tarefas, consumo e lazer, esquecemos de perceber nossos sonhos noturnos, condenados a dormir olhando telas e acordar já atrasados. Caso o mundo não tivesse adotado o projeto de realidade imposto pelo colonialismo e pelo capitalismo, quais outros caminhos teriam sido traçados através das tecnologias desenvolvidas pelos povos originários? Como discutir o conceito de tecnologia dentro do campo da artemídia? Como abrir as caixas-pretas dos objetos técnicos e da própria tecnologia?

2 Metodologia

Esta pesquisa relaciona tais temas com o campo da arte, identificando práticas que discutem, provocam e criam tecnodiversidades. Aqui, articulamos as questões do campo da filosofia das técnicas, objetos técnicos e tecnologia a partir de provocações geradas pelos artistas Dasha Ilina e o coletivo sul-africano NTU.

2.1 Se você já sentiu secura nos olhos por ficar olhando para uma tela por muito tempo ou dor no pescoço por olhar muito para o telefone, este workshop é para você!

Dasha Ilina é uma artista russa que atualmente vive e trabalha em Paris. Fundou o “Center for Technological Pain” durante mestrado em Arte, Mídias e Tecnologia (The New School for Design, 2014-2018), a partir de um olhar sobre si mesma e colegas de classe, que reclamavam de dor nas costas, nas mãos, antebraços, nos olhos e perda de acuidade visual. A partir daí, a artista pesquisa como a tecnologia nos atinge mentalmente e fisicamente, desenvolvendo estratégias para lidar com a dor induzida pela tecnologia, incluindo *workshops*, objetos, defesa pessoal e aulas de yoga.

Ilina propõe soluções faça-você-mesmo para problemas causados por tecnologias digitais, explorando a relação íntima e corporal que desenvolvemos com os dispositivos digitais que usamos diariamente. Tem foco nas noções de cuidado e tecnologia, práticas de gambiarra e soluções *low-tech*, específicas para os problemas encontrados: suportes de mãos para teclados, encostos para cadeiras, suportes para o corpo que obrigam a levantar o celular ao invés de baixar a cabeça, etc.

Algo como uma “solução alopática” para os sintomas colocados em nós pela tecnologia atual.

2.2 A NTUSAVE é uma missão para recuperar tecnologias perdidas¹.

¹ Disponível em: <https://www.aqnb.com/2017/06/20/fighting-for-the-future-with-the-digitalhealingsurvivalism-of-ntu-collectives-ubulawu-at-londons-auto-italia/>. Acesso em 09/01/2021.

A NTU se apresenta como uma agência familiar e criativa baseada na África do Sul, que inicialmente se reuniu a partir de interesses comuns na história esotérica da África e tradições espirituais e culturas de tecnologia, preocupados com o futuro espiritual da tecnologia. Fundado em 2015 pelos artistas Nolan Oswald, Tabita Rezaire e Bogosi Skehukuni, o grupo abraça a interdependência dos reinos orgânico, espiritual e tecnológico para restaurar desequilíbrios energéticos.

Interessados em tecnologias de libertação epistêmica e culturas de investigação científica, buscam reivindicar agenciamento como seres tecnológicos avançados, “resistindo conscientemente à cooptação - internalizada ou imposta - de estruturas de poder imperial patriarcais brancas, reptilianas e heteronormativas”.²

Esses “curandeiros digitais”, sobreviventes à singularidade tecnológica imposta, têm como premissa “a necessidade de reconsiderar as lealdades às narrativas separatistas de progresso do Ocidente, em que apenas certas ideias são ouvidas e codificadas em uma visão futura, seu projeto em andamento” (CLARKE-BROWN, 2017). Para Sekhukuni, “as tradições da espiritualidade africana e seus abundantes e complexos sistemas de conhecimento têm muito mais a nos oferecer do que orgulho ou auto-estima”³. Buscam mudar as percepções e a linguagem visual sobre como pode e devem ser as “tecnologia avançadas”.

Tabita Rezaire é a membra do NTU mais conhecida no Brasil, tendo feito em 2019 a fala “Cura Decolonial: Tecnologia, Espiritualidade e o Erótico” no encontro Campos de Invisibilidade⁴, onde se perguntava: “como podemos nos conectar holisticamente a nós mesmos, uns aos outros, à terra e ao multiverso?” Além de artista, é contadora de histórias e trabalha com telas e fluxos de energia. Sua prática trans-dimensional prevê as ciências da rede – orgânicas, eletrônicas e espirituais – como tecnologias curativas para servir à mudança para a consciência do coração. Rezaire articula o conhecimento científico africano, diaspórico e indígena, na busca de uma cura supramoral, espiritual, política, histórica e tecnológica, descolonizando nossas tecnologias.

Uma das obras do coletivo é “NERVOUSCONDITIONER.001.NTU”, uma rede online independente, criada para explorar as possibilidades de um espaço seguro e

² Disponível em: <https://tabitarezaire.com/ntu.html>. Acesso em 09/01/2021.

³ Disponível em: <https://www.aqnb.com/2017/06/20/fighting-for-the-future-with-the-digitalhealingsurvivalism-of-ntu-collectives-ubulawu-at-londons-auto-italia/>. Acesso em 09/01/2021.

⁴ O encontro ocorreu de 08 de novembro de 2018 à 03 de fevereiro de 2019 no Sesc Belenzinho, São Paulo, Brasil. <https://camposdeinvisibilidade.org/Encontro>

independente na internet: livre de discriminação, controle de fala e vigilância. Um servidor web próprio criado pelo coletivo para hospedar o *Nervous Conditioner*, um protótipo de rede fechada. O *Nervous Conditioner* foi concebido como “um espaço seguro para pessoas de cor discutir, compartilhar e organizar, sem a presença de opressões de supremacia branca, patriarcais, heteronormativas que parecem reger os fóruns públicos da Internet”⁴.

O NTU propõe relações com as tecnologias de um modo mais profundo e (des/re)estruturante. Fazendo paralelo com a medicina, seria não a medicina alopática, que remedia sintomas, mas sim aquela que entende o ser humano como um sistema complexo físico e energético: medicina biológica e integral. Essa forma de pensar vai na direção do que o filósofo Yuk Hui chama de “cosmotécnica” (HUI, 2016).

3 Fundamentação teórica

Para o filósofo Álvaro Vieira Pinto, a humanidade “faz-se naquilo que faz” (2005: 237). A atual humanidade doente. Basta ver a quantidade de farmácias nas cidades brasileiras. “No lugar de criticar as máquinas, temos que criticar as relações sociais. Na verdade, o homem não é escravo da máquina, ele é escravo de outro homem: a máquina é apenas o intermediário” (PINTO, 2006).

O processo de imposição de uma única singularidade tecnológica a partir de uma cosmotécnica europeia recalcou todas as demais e impôs esta técnica como universal, delegando à elas o papel de dependência tecnológica. Claramente tal projeto não se mostrou sustentável.

Proponho ir além da noção de cosmologia; em vez disso, seria mais produtivo abordar o que eu chamo de cosmotécnica. Deixe-me dar uma definição preliminar de cosmotécnica: é a unificação do cosmos e da moral por meio de atividades técnicas, seja de artesanato ou de arte. Não houve uma ou duas técnicas, mas muitas cosmotécnicas. Que tipo de moralidade, qual e de quem é o cosmos, e como uni-los, variam de uma cultura para outra de acordo com diferentes dinâmicas. Estou convencido de que, para enfrentar a crise que está diante de nós (...) é necessário reabrir a questão da tecnologia, a fim de prever a bifurcação dos futuros tecnológicos, concebendo diferentes cosmotécnicas (HUI, 2017).

Aqui no Brasil essas ideias de Hui não deveriam parecer tão novas, já que em meados da década de 1950 até meados da década de 1980 Pinto afirmava que “o centro captura um dos significados da tecnologia e ideologicamente proclama como universal”. A periferia, que apenas recebe as inovações técnicas, vai empobrecendo” (PINTO, 2005). A

⁴ Disponível em: <https://www.aqnb.com/2017/02/06/mother-of-the-house-tabita-rezaireinterviewsherself-about-the-digital-healing-activism-of-seneb/> Acesso em 09/01/2021.

linguagem artístico-visual do coletivo NTU se soma à voz de Hui, Pinto e Simondon na afirmação de que a tecnologia não é universal. Como afirma Hui, ela é “ativada e restringida por cosmologias específicas, que vão além da mera funcionalidade ou utilidade. (...) não existe uma única tecnologia, mas várias cosmotécnicas” (HUI, 2017).

É urgente ampliar visões e definições de tecnologia a partir da certeza de que “toda cultura deve refletir sobre a questão da cosmotécnica para que uma nova cosmopolítica aconteça”, já que “para superar a modernidade sem voltar à guerra e ao fascismo, é necessário reapropriar a tecnologia moderna através da estrutura renovada de uma cosmotecnia que consiste em diferentes epistemologias e epistemos”. Ainda Segundo Hui, “precisamos de uma nova linguagem da cosmopolítica para elaborar essa nova ordem mundial que vá além de uma única hegemonia” (HUI, 2017).

4 Considerações finais

O trabalho de Iliina é relevante por colocar em questão nosso “mal estar tecnológico”: o problema de nossa dependência deste tipo de tecnologia que temos hoje. Porém, não trata as causas do problema, desenvolvendo obras que funcionam como paliativos para as dores oriundas das nossas relações com objetos técnicos. Já o coletivo NTU aprofunda a visão crítica à tecnologia, propondo mudanças radicais, indo ao cerne da questão: somente mudanças estruturais na sociedade possibilitam a criação de novas tecnologias, ou seja, tecnodiversidades aliadas às cosmologias de cada sociedade. Isso não é apenas uma urgência do campo das técnicas, mas sim da saúde, do ambiente e da natureza compreendida como a relação entre todos os seres, vivos, técnicos, minerais e espirituais.

Referências

ALMEIDA, Eduardo. **O elo perdido da medicina**. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

CLARKE-BROWN, Tamar. **Fighting for the future with the digital healing + survivalism of NTU collective's Ubulawu at London's Auto Italia**. Resenha de exposição. AQNB, 20/06/2017. Disponível em: <https://www.aqnb.com/2017/06/20/fighting-for-the-future-with-the-digitalhealingsurvivalism-of-ntu-collectives-ubulawu-at-londons-auto-italia/>. Acesso em 09/01/2021.

HUI, Yuk. **Cosmotecnics as Cosmopolitics**. e-flux Journal, n. 86, nov. 2017.

HUI, Yuk. **The question concerning technology in China. An essay in Cosmotecnics**. Falmouth: Urbanomic Media Ltd, 2016.

ILINA, Dasha. Home-page da artista disponível em: < <http://dashailina.com> >. Acesso em: 08/01/2021.

NTU. Home-page do coletivo disponível em: < <https://tabitarezaire.com/ntu.html> >. Acesso em: 08/01/2021.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. 2v. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SIMONDON, Gilbert. (1958) **Do modo de existência dos objetos técnicos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.